

Territorialidade Mbya-Guarani no Rio Grande do Sul – Considerações

Autor: William Rafael Ferreira de Abreu - **Orientador:** José Otavio Catafesto de Souza
e-mail: 00173723@ufrgs.br - 00009267@ufrgs.br

Introdução: Os *Guarani-Mbya* são um grupo étnico originário de relações familiares endogâmicas, vivem entre a macrô região do Chaco e o Sul da Costa Atlântica, no Rio Grande do Sul em regiões com remanescentes de Mata de Atlântica, o *Kaàguy ete*, recurso cosmológico imprescindível para a sustentação do seu modo de ser, o *Mbya-rekó*. A devastação deste bioma com o qual se relacionam estas populações é correlata aos processos de colonização, empreendidos desde o séc. XV por Estados nacionais europeus sobre a região. Os direitos originários destes grupos sobre esse território só foram afirmados pelo Estado nacional brasileiro em 1988. No entanto, foi constatado durante a pesquisa a demanda de esforços para o reconhecimento destes. Este estudo empenhou-se em dar visibilidade à questão através de aspectos de territorialidades, a partir da diferenciação étnica do grupo entre *Mbya-Juruá* procurou demonstrar a importância da paisagem para a reprodução cultural dos *Mbya*. Busca nos campos da Arqueologia, da História e da Etnologia os fundamentos para o cumprimento da legislação especial.

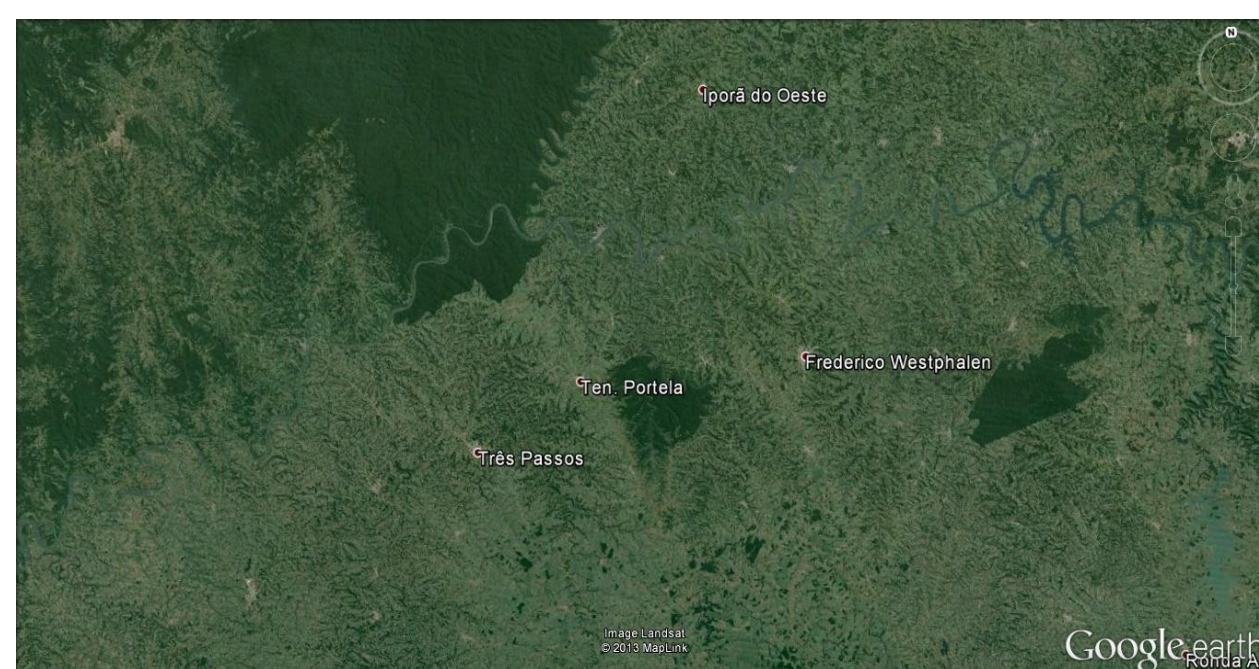
Objetivos: Dar aporte científico à discussão sobre direitos originários, evidenciando a necessidade de acesso a territórios tradicionais, bem como a preservação das condições que assim o caracterizam para reprodução cultural dos *Mbya*.

Metodologia: O trabalho de campo é o pressuposto fundamental da pesquisa etnográfica, o “estar lá” como define Geertz(1997) é o ponto de partida. O material arqueológico está disposto no campo etnográfico, sem necessidade de escavações ou datações, é possível averiguá-lo no presente pela disposição no espaço, inclusive em imagens de satélite e compreender diferentes formas de ocupação humana. Após a fase de levantamentos foi feito o trabalho interpretativo e reflexivo referente ao conhecimento acumulado no assunto. Neste momento da pesquisa as referências históricas se fizeram necessárias e mostram-se capazes de dar sentido aos fatos observados, evidenciando o legado do processo de colonização do qual resulta o contato interétnico.



Fonte: Guarani Retã, 2008

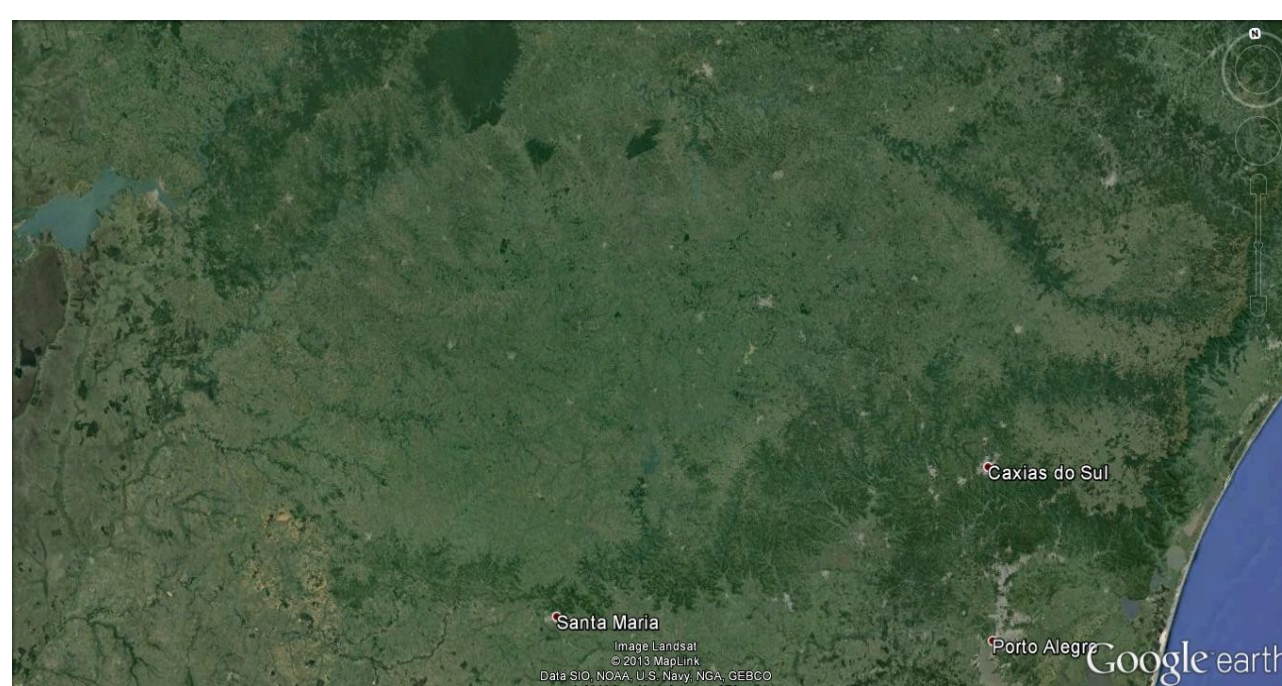
Referenciais teóricos: Neste trabalho as “Ciências Humanas” são entendidas como um conjunto de discursos ordenados por disciplinas cujo caráter histórico permite reconhecer seus limites e alternativas (cf. FOUCAULT, 1996). Então, quando pensamos a abordagem arqueológica, etnológica ou histórica estamos nos deparando com um mesmo objeto, o que está por ser descoberto pelas ciências humanas é sempre o Homem. A etnologia, nasce do contato com o(s) outro(s) homem(ns) e serve, num primeiro momento para levar terceiros a compreender o excêntrico Novo Mundo. Considerando o legado humanista que funda as ciências do social no Brasil e o debate atual sobre vigilância epistemológica que impõe-se a este fazer científico optou-se pelo paradigma pós-colonial (SANTOS, 2004), que dá suporte a conceitos como: sistema-mundo moderno-colonial (MOTA 2012), para dar conta do presente etnográfico onde elementos de colonialidade se misturam a formulas discursivas e técnicas modernas. O estudo das técnicas corporais de Marcell Mauss (2003), contribui na analogia de etnologia com arqueologia e serviu para pensar como em Descola (2002) a gênese social dos objetos e dos costumes. Caracterizando o estudo como um estudo Etno-Arqueológico do contato interétnico (cf. OLIVEIRA, 1996).



Região do Salto do Yucumã, evidenciando o contraste entre áreas de floresta e cultivos agrícolas. Fonte: Google Earth(2013)

Envolvimento na pesquisa de campo:

Tekoá Pindó Poty aldeia do Lami em Porto Alegre;
Tekoá Koenjú aldeia do Inhacapedum em São Miguel;
Tekoá Campo Molhado no distrito da Barra do Ouro;



Planalto Rio-grandense. A devastação da fronteira agrícola. Fonte: Google Earth(2013).

Considerações finais: O Estado nacional brasileiro assumiu uma dívida com as populações de origem não europeia que compõem sua população, em termos de saúde, educação e acesso a terra, sua forma de legitimidade administrativa, baseada em contratos, tende a perder credibilidade uma vez que estes não sejam honrados. A carta magna promulgada em 1988 garante o direito às terras tradicionalmente ocupadas; neste contexto sócio-histórico entendo que caiba à teoria social a desconstrução das fórmulas discursivas que sustentam preconceitos como a aculturação dos índios, ou a deslegitimação da ocupação tradicional devido ao trânsitos sazonal, ou sua incapacidade de gerir capital. Este trabalho é testemunho da plena realização do modo de ser *Mbya*, o principal impedimento demonstrado pelos informantes com quem manteve contato é a territorialidade do branco que se impõe como hegemônica, com suas cercas e estradas sobre o que lhes foi deixado por seu Pai Primeiro.

Bibliografia: ALENCASTRO, Luiz Felipe de. "O aprendizado da colonização". in: O tratado dos vivos Formação do Brasil no Atlântico Sul Séculos XVI e XVII. São Paulo: Cia. das Letras, 2000; BALÉE, William. "Biodiversidade e os índios amazônicos" in EDUARDO VIVEIROS DE CASTRO e MANUELA CARNEIRO DA CUNHA (Orgs.) Amazonia Etnologia e História Indígena. São Paulo: Núcleo de História Indígena e do Indigenismo da USP: FAPESP, 1993; BARTOLOMÉ, Miguel Alberto. Los parientes de la selva. BIBLIOTECA DE ESTUDIOS PARAGUAYOS – VOLUMEN 72. Asunción – Paraguay; BROCHADO, José Proenza. "A analogia etnográfica na reconstrução da alimentação por meio de evidências indiretas - A mandioca na floresta tropical" in Alimentação na Floresta Tropical caderno nº 2 UFRGS IFCH 1977; CLASTRES, Pierre. "Os marxistas e sua antropologia" e "Arqueologia da violência: a guerra nas sociedades primitivas". in: Arqueologia da Violência estudo de Antropologia política. São Paulo: Casac & Naify, 2004; CLASTRES, Pierre. "O arco e o cesto" e "A sociedade contra o Estado" in A sociedade contra o Estado. Rio de Janeiro; Editora Francisco Alves, 4ª Ed. 1988; CORRÊA, Mariza. "Traficantes do excêntrico" in Revista Brasileira de Antropologia, nº6, vol 3. 1988; DIAS, Adrian Schmidt e BATISTA DA SILVA, Sergio. "Arqueologia Guarani no Lago Guaíba: Refletindo sobre a Territorialidade e a Mobilidade Pretérita e Presente". Porto Alegre, 2010; DESCOLA, Philippe. "Genealogia de objetos e Antropologia da objetividade" in: Horiz. antropol. vol. 8 no. 18 Porto Alegre Dec. 2002; FREYRE, Gilberto. "Prefácio a 1ª edição" in: Casa Grande e Senzala. Rio de Janeiro: Record, 1994; FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. São Paulo: Editora Loyola, 1996; FOUCAULT, Michel. "As Ciências Humanas" in: As palavras e as coisas. São Paulo: Martins Fontes, 1992; FUNARI, Pedro Paulo e NOELLI, Francisco da Silva. Pré-História do Brasil. São Paulo: Contexto 3ª ed, 1ª reimpressão, 2009; GEERTZ, Clifford. "Mistura de gêneros: a reconfiguração do pensamento social" in O Saber Local. Petropolis, RJ: Vozes, 1997; Kern. Arno. Antropologia Pré-Histórica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991; MAUSS, Marcel. Sociologia e Antropologia. São Paulo: Casac & Naify, 2003; MONTEIRO, John Manuel. "A transformação de São Paulo Indígena" in: Negros da Terra índio e bandeiranteirantes nas origens de São Paulo. São Paulo: Cia das Letras. 1994; MOTA, Juliana Grasiéli Bueno. "O sistema-mundo moderno-colonial e os discursos para não demarcação de terras-territórios Guarani-Kaiowa" in: PROTASIO PAULO LANGER e GRACIELA CHAMORRO (orgs.) Missões, Militância indigenista e protagonismo indígena. São Bernardo do Campo: Nhunduti, 2012; NOELLI, Francisco da Silva. A ocupação humana na região Sul do Brasil: Arqueologia debates e perspectivas 1872-2000. São Paulo: REVISTA USP, n.44, p. 218-269, dezembro/fevereiro 1999-2000; OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. "Noção de fricção inter-étnica". In: O índio e o mundo dos Brancos. Campinas: Unicamp 4ª ed. 1996; RIBEIRO, Darcy. O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1996; SCHNEIDER, Jens. "Discursos simbólicos e símbolos discursivos: considerações sobre o etnografia da identidade nacional". Mana vol. 10 nº1 Rio de Janeiro. Abr. 2004; SOUZA, José Otavio Catafesto de. "O sistema econômico nas sociedades indígenas guarani pré coloniais" in Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 8, n. 18, p. 211-253, dezembro de 2002; VAINFAS, Ronaldo. "História de uma santidade" in A heresia dos índios catolicismo e rebeldia no Brasil colonial. São Paulo: Cia das Letras, 1995; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. A inconstância da alma selvagem. São Paulo: Casac & Naify, 2002; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. "Etnologia Brasileira" In MICELI, S (Ed.). O que ler nas Ciências Sociais brasileira (1970 -1995). I: Antropologia. São Paulo: Sumaré, Anpocs, 1999.